



A HISTÓRIA ORAL E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COMO FONTE NA PESQUISA EM HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO

Maria de Fatima Dias ARAUJO¹;
Armando QUILLICI NETO²;

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como propósito apresentar um estudo teórico para o III Seminário de Pós-Graduandos: a memória como fonte para a História e Historiografia da Educação, seu título evidencia que a História Oral não é apenas uma técnica, mas também uma perspectiva teórica-metodológica que dialoga diretamente com a categoria memória na escrita da História da Educação.

A escolha do tema para este estudo se justifica devido a relação entre memória e história oral que se torna essencial para o campo da História da Educação, percebendo que as narrativas orais não apenas preservam lembranças, mas também revelam formas de apropriação do passado e de construção identitária no presente.

Neste contexto, a memória não deve ser considerada como simples repositório de fatos, mas como elaboração dinâmica, permeada por esquecimentos, reconstruções e disputas de sentidos (Halbwachs, 2006; Portelli, 1997). Deste modo, investigar a memória por meio da história oral implica reconhecer sua mediação na produção historiográfica, situando a experiência educativa em um entrecruzamento de tempos, espaços e sujeitos.

A memória, enquanto objeto de reflexão e categoria de análise, ultrapassa a dimensão individual e deve ser compreendida como fenômeno social e coletivo. Halbwachs (2006) argumenta que as lembranças não são guardadas em um depósito interno do sujeito, mas constituídas e reconstruídas nos quadros sociais que fornecem referências para recordar. Assim, a memória individual está sempre associada em experiências coletivas, sendo atravessada por vínculos sociais, temporais e culturais.

Bosi (1994), em seus estudos sobre a memória dos idosos, acrescenta a essa perspectiva a compreensão de que lembrar é também um ato de resistência, pois permite aos sujeitos reelaborar o passado e afirmar identidades diante das transformações sociais. Para a

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. E-mail: diasaraujo15@gmail.com

² Doutor em Educação – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; Mestre em Filosofia PUC/Campinas; Graduado em Filosofia e Docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. E-mail: armando@ufu.br





autora, a memória não se limita a registrar acontecimentos, mas ressignifica experiências vividas, projetando no presente valores, afetos e sentidos.

Neste mesmo horizonte, Portelli (1997) destaca que a memória deve ser entendida em sua dimensão narrativa: o que importa não é apenas a veracidade factual, mas os modos pelos quais os sujeitos lembram e contam suas histórias. Essa dimensão subjetiva e interpretativa faz da memória um espaço privilegiado para a pesquisa em História da Educação, na medida em que revela tanto as práticas e experiências escolares quanto os significados atribuídos a elas pelos sujeitos que as viveram.

A relevância de investigar a memória, por meio da história oral, se encontra na possibilidade de ampliar as fronteiras da pesquisa em História da Educação, incorporando vozes e experiências que, muitas vezes, não encontram lugar nos registros oficiais. Ao dar centralidade às narrativas de sujeitos históricos, a história oral possibilita compreender não apenas os acontecimentos, mas também os sentidos e significados atribuídos ao vivido, permitindo que as práticas escolares, trajetórias profissionais e experiências formativas sejam resgatadas em sua dimensão subjetiva e coletiva. Além de democratizar a produção do conhecimento histórico, tal abordagem contribui para a valorização de identidades e memórias que, de outra forma, permaneceriam silenciadas, oferecendo à historiografia da educação novas perspectivas de análise e interpretação.

O estudo objetiva analisar a história oral como fonte e como caminho para o estudo da memória no campo da História e Historiografia da Educação, com isso visa problematizar de que modo a memória, ao ser narrada, registrada e analisada, transforma-se em categoria fundamental para compreensão das práticas, das trajetórias e dos discursos educativos, contribuindo para ampliar os horizontes da pesquisa histórica e para diversificar as possibilidades de interpretação sobre o passado da educação.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia constituiu-se da pesquisa bibliográfica, em uma abordagem qualitativa, assim, pode contar com uma revisão bibliográfica sustentando a pesquisa científica, baseada em artigos, dissertações, livros, constatando nessa investigação um número expressivo de referências.

Inicialmente, buscou-se na fundamentação de Minayo (2007, p. 37-38) sobre os elementos constitutivos de um projeto de pesquisa que se deve responder às perguntas: “O que pesquisar? Para que pesquisar? Por que pesquisar? Como pesquisar? Por quanto tempo pesquisar? Com que recursos? A partir de quais fontes?”





Deste modo, tem-se os elementos para uma pesquisa científica e como finalidade deste estudo interessa aprofundar conhecimentos para a última indagação apresentada na citação: “A partir de quais fontes?” Neste sentido, não descarta nenhuma das anteriores, já que se complementam.

Deslandes (*apud* Minayo, Deslandes, 2007, p. 50-51) explicita que as fontes são várias as utilizadas: “livros, capítulos de livros, artigos de revistas científicas, revistas leigas, jornais, documentos oficiais, informações pessoais, teses, dissertações, monografias, textos não publicados, bancos de dados, entre outros”. Desta forma, as fontes utilizadas estão ampliando, especialmente, a Internet, que possibilita a consulta por bibliotecas virtuais, que se pode acessar a universidades, de forma gratuita.

No que concerne às entrevistas, Thompson (1998, p. 254) afirma que para que um entrevistador tenha sucesso ao realizar uma entrevista este deve ter habilidade, sabendo que há diferentes estilos de entrevista e a mesma pode ser aplicada de forma aplicável ou informal, ou ainda, formal, possibilitando ao entrevistador desenvolver uma variedade do método, entre as qualidades que o entrevistador deve ter para ser bem sucedido envolve “interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, disposição para ficar calado e escutar”.

Outros elementos são indispensáveis no momento da entrevista, verificar com antecedência os equipamentos que serão utilizados, o local da entrevista, mostrar-se interessado durante toda a entrevista, preparar-se para o comportamento do entrevistado em vista dos seus sentimentos em relação ao conteúdo da entrevista, pois pode ocorrer o despertar de memórias dolorosas ao falar sobre o passado, sobre os fatos ocorridos, enfim, a situação exposta e/ou vivida.

De posse dos dados coletados deve-se avalia-los e interpreta-los. De acordo com Thompson (1998, p. 299), “a apresentação da história com evidência oral abre novas possibilidades”. Mais uma vez, tem-se a contribuição de Thompson (1998, p. 45) ao afirmar: “Na verdade, a história oral é tão antiga quanto a própria história. Ela foi a primeira espécie de história. E apenas recentemente é que a habilidade em usar a evidência oral deixou de ser uma das marcas do grande historiador”.

Neste contexto, percebe-se pela fundamentação de Thompson (1998) que revela que o método da história oral é utilizado por muitos estudiosos, por sociólogos e antropólogos, e, também, por jornalistas, em especial, os historiadores profissionais por motivos diferentes.





Deste modo, “os historiadores da educação dependem, nas suas investigações, não apenas das questões formuladas dentro de certas matrizes teóricas, mas também dos materiais históricos com que podem contar” (Nunes; Carvalho, 2005, p. 29).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assim, também, vem ampliando as pesquisas em História da Educação e, conseqüentemente, a organização da documentação para compor as fontes de pesquisa, para que o pesquisador possa reconstituir e/ou reconstruir a história.

Ivashita (2014, p. 5) revela que:

Na História da Educação, durante algum tempo, recorreu-se apenas às fontes oficiais escritas (a legislação, as discussões parlamentares, atas, relatórios escritos por autoridades, regulamentos, programas de ensino e estatísticas), entretanto com a expansão das investigações neste campo de estudos e pesquisas, o historiador foi também alargando as possibilidades de uso das fontes [...].

Nesta questão, Lopes e Galvão (2001, p. 81) completam: “e incorporaram a ideia de que a História se faz a partir de qualquer traço ou vestígio deixado pelas sociedades passadas”. Ainda, no que concerne às fontes, em especial na área educacional, Bloch (2001, p. 79) salienta que a “diversidade de testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”. Cabe ao historiador analisar o que tem como “testemunhos históricos” para construir suas fontes.

Neste sentido, tem-se a contribuição de Certeau (2006, p. 81) quanto ao estabelecimento das fontes ou da redistribuição do espaço, quando afirma em sua obra “A Escrita da História”, que explicita com detalhes para melhor compreensão de sua teoria:

Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de copiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em “isolar” um corpo, como se faz em física, e em “desfigurar” as coisas para constituí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto, proposto *a priori*.

Deste modo, o historiador se aventura em arquivos, em documentos, busca vestígios, decifra impressos e recursos audiovisuais, como um desafio ao pesquisar as diversas fontes ao seu alcance. Segundo Block (2001), o historiador vale-se de vários documentos com a intenção de responder perguntas diferentes, pois se há um novo contato com a mesma fonte, poderá encontrar nesta um ou vários elementos e, também, novos significados, logo terá novas interpretações.





Retornando à pesquisa em fontes utilizadas pela Internet, entende-se que a oralidade se tornou um elemento fundamental da informação. No entanto, o uso da oralidade pode oferecer produção de conhecimento, como afirma Meihy (1996, p. 49), “o interesse no debate sobre a inserção da História Oral no Brasil reside em sua capacidade de refletir criticamente sobre o elo entre o saber acadêmico tradicional e as políticas culturais nacionais”. Neste sentido, a História Oral não é apenas uma metodologia, mas um campo de reflexão que expõe as intersecções e, por vezes, as tensões entre os conhecimentos produzidos em ambiente universitário e as formas como o Estado e a sociedade definem e promovem a cultura.

Com isso, as críticas atacavam as bases epistemológicas, sendo que “os responsáveis pela crítica ao paradigma histórico tradicional foram os membros da primeira geração dos *Annales*, ao proporem uma nova maneira de pensar a história”, contemplava ainda, “o repúdio as noções de verdade absoluta e objetividade” (Ribeiro, 2011, p. 109). Assim, indica que a primeira geração da Escola dos Annales foi a responsável pela crítica ao paradigma histórico tradicional, propondo uma nova forma de pensar a história e afastando-se das noções de verdade absoluta e objetividade. Essa abordagem marcou uma ruptura significativa na historiografia, valorizando uma visão mais complexa e multifacetada do passado.

Deste modo, houve uma procura “por estudos diferentes e inovadores” fazendo surgir “uma nova historiografia que se preocupava com tudo, onde não havia paradigmas, e a história seria subjetiva, ao contrário da história tradicional” (Ribeiro, 2011, p. 109).

No entanto, a história oral foi consolidando nos anos 80 e 90 como fundamenta Ribeiro (2011, p. 113):

Desde o processo de anistia no final dos anos 70 e com a abertura política em 83 notava-se grande interesse e ansiedade em promover debates, captar experiências em torno da oralidade e preservação da memória. Trabalhos em duas frentes se iniciavam: literatura memorialística e história oral. Museus, arquivos e grupos expressavam grande interesse em torno das oralidades.

Com isso, valorizavam-se as análises qualitativas e abria-se um diálogo quanto à “biografia, tradição oral, memória, linguagem e métodos, método de investigação e fonte de pesquisa” (Ribeiro, 2011, p. 114). Nos anos 90, a história oral alcançou sucesso internacional e, conseqüentemente, cresceu no Brasil, enquanto a “aceitação no mundo acadêmico marcava a reafirmação, institucionalização e inserção dos brasileiros em história oral” (Ribeiro, 2011, p. 115). No terceiro milênio, a história oral foi ganhando espaços entre os acadêmicos.

Alberti (2003, p. 1) entende que o trabalho com a história oral “consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história





contemporânea”. A entrevista é o instrumento central, e o foco está em capturar a perspectiva e a memória de testemunhas e atores para construir um registro histórico documental.

Deste modo, a entrevista como fontes orais permite ao entrevistado relatar o passado a partir do presente, o que Montenegro (2005, p. 15) entende que:

As fontes documentais escritas, orais, iconográficas, arqueológicas não são mais consideradas como reflexos verdadeiros ou falsos do passado. Antes, representam formas de como certos grupos, segmentos, classes se permitiram pensar, sentir, sonhar, desejar determinados acontecimentos, algumas experiências, certos períodos. Desse modo, todo documento, em face das suas múltiplas especificidades como registro, também é e foi uma forma de produção daquele presente que será passado. Nele há marcas individuais e sociais, numa imbricação impossível de se desfazer, mesmo se tivermos a quimera de saber onde inicia um e termina o outro.

Neste sentido, as entrevistas como fontes orais indicam pistas para conhecimento de um passado, sabendo-se que esse existiu independente de tais pistas, logo pode existir hoje por causa dessas e outras pistas, entretanto, o entrevistador não deve julgá-las, podendo conhecer diferentes versões sobre um acontecimento ou sobre uma situação.

Conforme fundamentação de Santos e Araújo (2007, p. 197-198) ao referirem-se à entrevista na história oral:

O pesquisador/entrevistador precisa estar ciente de que, por mais que sejam favoráveis suas relações com a pessoa entrevistada, ambos possuem diferentes interesses numa entrevista. Por um lado, ao pesquisador/entrevistador interessam as narrativas que têm como objetivos atender a temas selecionados, que atendam às exigências requeridas pelo objeto de estudo, enfim, pela pesquisa. Por outro, interessa ao narrador/entrevistado narrar aquilo que lhe é significativo que representa algo que lhe é importante e, por isso, deve ser dito, relatado.

Deste modo, entende-se que os interesses se distinguem para o entrevistador e para o entrevistado, este último, sente necessidade de relatar o que lhe é importante, aquilo que faz sentido em sua realidade, significativo em sua memória; enquanto ao entrevistador interessa o que mais relaciona com os objetivos propostos em sua pesquisa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida evidenciou que a memória, quando investigada a partir da história oral, constitui-se em uma fonte privilegiada para a História e Historiografia da Educação. Ao considerar a memória não como simples repositório de fatos, mas como elaboração social, subjetiva e narrativa, torna-se possível compreender de que forma os sujeitos reelaboram suas experiências e atribuem sentidos ao passado.

Constatou-se que a história oral, nesta perspectiva, revelou-se como técnica de coleta de depoimentos e como metodologia e abordagem teórica capaz de mediar memória e história,





promovendo práticas escolares, experiências formativas e trajetórias profissionais uma maior visibilidade no campo historiográfico.

Conclui-se que ao dar centralidade às narrativas de professores, estudantes e demais atores educacionais, a pesquisa contribui para a democratização da escrita da História da Educação, o que possibilita ampliar as interpretações que se tornam possíveis sobre o passado educacional e, ao mesmo tempo, valoriza experiências que de outro modo permaneceriam silenciadas.

Neste contexto, pode-se reafirmar a importância da história oral como instrumento de investigação e de reflexão crítica para a historiografia da educação, destacando sua contribuição para a construção de uma memória plural, diversificada e socialmente significativa.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Narrativas na História Oral. **ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História**, João Pessoa, 2003.

BLOCK, Marc. **Apologia da História ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

DESLANDES, Suely Ferreira. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. Capítulo 2, p. 31-60. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. — Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

IVASHITA, Simone Burioli. Fontes para a história da educação: a importância dos arquivos. **X ANPED SUL**, Florianópolis, outubro de 2014.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). **(Re) Introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã/USP, 1996.





MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu.
Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 26. ed. — Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **Oralidade, memória e história:** questões metodológicas.
In: Encontro Regional Sul de História Oral, 2., Porto Alegre, 2005.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da Educação e Fontes. p. 17-62. In: GONDRA, José Gonçalves (Org.) **Pesquisa em História da Educação no Brasil.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos:** narrativas, interpretações e significados nas memórias e nas fontes orais. Tempo, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 59-72, 1997.

RIBEIRO, Antônio Marcos de Almeida. História Oral Brasileira: trajetória e perspectivas.
Revista de Teoria da História. Ano 3, Número 6, dez/2011. Universidade Federal de Goiás.

SANTOS, Sônia Maria dos; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. História Oral: vozes, narrativas e textos. **Cadernos de História da Educação.** N. 6, jan. /dez., 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

